

D. CARLOS

Drama em 4 actos, um prólogo e um epílogo, em verso, de TEIXEIRA DE PASCOAES (1919). Publicado em 1925 (reeditado nas «Obras Completas» em 1969).

[...]

Várias cenas: rua de Lisboa (prólogo, 3.^a cena do 2.^o acto, epílogo); sala na cidadela de Cascais (1.^a e 2.^a cenas do 1.^o acto); café-restaurant (3.^a cena do 1.^o acto); praia de Cascais (4.^a cena do 1.^o acto); aposentos da rainha em Cascais (1.^a cena do 2.^o acto); jardim contíguo à cidadela (2.^a cena do 2.^o acto); sala no palácio de Belém (1.^a cena do 3.^o acto); salão do palácio de Vila Viçosa (2.^a, 3.^a e 4.^a cenas do 3.^o acto); 3.^o andar numa casa em Lisboa (1.^a cena do 4.^o acto); o Terreiro do Paço (2.^a cena do 4.^o acto); sala de visitas no palácio de Belém (3.^a e 4.^a cenas do 4.^o acto); outra sala no mesmo palácio (5.^a cena do 4.^o acto).

Nas vésperas do regicídio. D. Carlos sonha com o «desejo de remir a Pátria / de erros que vêm de longe e de outras almas». Mas a sua confiança no povo – «o povo antigo, simples, campesino... / os velhos pescadores das nossas praias / (...) e os pastores das altas serranias / (...) os fortes aldeões de Trás-os-Montes, / das Beiras e do Minho... e aqueles rudes / ceifeiros do Alentejo, bronzeados / a sol» – desvanece-se em face da sua vontade débil, da sua incapacidade para a acção, da sua entrega passiva às forças do destino «a que é impossível fugir». E enquanto, no paço, os ministros e conselheiros do rei se recusam a enfrentar a agonia do regime e o seu próximo fim inevitável, o príncipe D. Luís se deixa embalar no sonho sebastiânico «que virá dissipar a noite escura», e a rainha em todo o lado vê, premonitoriamente, «negras sombras, / figurações de medos e fantasmas» – cresce nas ruas da cidade o descontentamento popular, o «ódio verde e vermelho» que arma o braço dos conspiradores e faz deles «a sombra do Destino / a quem os próprios deuses obedecem». D. Carlos retira-se para Vila Viçosa, «odiado e só», num diálogo mudo com a natureza e a história, consciente de que há-de «baixar, em breve, à sepultura». E, contra os conselhos do seu secretário particular, o conde de Arnoso decide regressar a Lisboa. Depois de uma longa noite de vigília, os conjurados saem para a rua. D. Carlos e o filho são assassinados no Terreiro do Paço. O povo, nas ruas, e a corte, no paço, comentam diversamente o atentado: «grande crime, tenebrosa expiação» para uns, «primavera anunciada» para outros. E à passagem do féretro real, o «Alma», espécie de poeta louco e visionário que atravessa as ruas da capital (e a acção do poema) como se fosse a voz do Destino, comenta: «Chora nas ruas de Lisboa o vento; / é voz do céu em lágrimas de agouro... »

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, pp. 179-180.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqt^a Paula Silva.